

Dos elementos

Exposição de aguarelas de Annabela Rita
Texto do Catálogo de João de Melo
Casa dos Açores, Novembro de 1995

Dos elementos designa o vasto, diverso e muito belo conjunto de aguarelas que Annabela Rita expõe na Casa dos Açores. Pois bem, façamos de conta. Aceitemos que terra, fogo, ar e água entram na matéria pictórica para chamar a si o rigor e a explicação de um gesto criativo que ergue perante nós estas formas espaciais – estes actos apenas começados pela mão de que/n sonhou a natureza como um limbo, como uma estação, como uma profecia da arte, como um trabalho de sonho e criação.

Façamos de conta, sim. Porque, mais do que a convocação dos quatro elementos naturais às aguarelas de Annabela Rita, o que nelas existe é a exuberância da cor, o movimento do desejo, os labirintos da harmonia e do ressentimento, num contraste quase dialógico entre a nitidez, a alegria das formas e a sombra pouco a pouco esbatida das atmosferas sugeridas ao olhar. Para mim, olhar esta pintura é como entrar na dimensão ascensional da visão, através de uma tão infensa luz que o sentido de ver nos leva para além da natureza: coloca-nos ao nível de uma condição outra, simultaneamente terrena e visionária. E feminina.

A condição do feminino que preside à pintura de Annabela Rita expressa-se na extrema subtileza do traço e das imagens, progride na efusiva proposta de um imaginário para o corpo e para o olhar, vibra na

energia dos profundos e profusos contrastes, sendo como um jogo difuso entre espírito e matéria. Fogo e terra são os elementos-base de uma representação por assim dizer omnipresente. Mas o fogo opõe-se à terra para ser a sua combustão, tanto como o ar à água para sobre ela fazer pairar a leveza de uma luz ampla, opalina, branca, a um tempo próxima e infinita.

Cada aguarela comporta em si uma concretude e uma abstracção, um compromisso entre a figura e a sua evanescência, um conflito entre o abismo e a revelação de um mistério pessoal. Não sei onde começa o onírico e finda a revelação da realidade, nem onde principia a metafísica e termina a evidência do mundo. Mesmo quando somos levados a afluir uma paisagem e a ver a sublimação dessa paisagem, o que Annabela Rita parece propor-nos é uma dialéctica circular, entre "interioridade" e "intimidade". O recurso ao elemento natural mais não é do que um pretexto mitográfico, uma passagem para a expressão do seu feminino inquieto, mundividente, tocado por uma espécie de clarividência diurna, às vezes luminosa, quase sempre eufórica, outras vezes extremamente problemática do ponto de vista do nosso conhecimento limitado e exterior.

Tanto quanto julgo saber, este é um trabalho de fases e de diferentes e espaçados estados de espírito. Mas é também um trabalho de projecto, em cada fase, em cada estado de espírito. O que é patente na insistência das cores (o negro, o rubro, o rosa, o cinza) torna-se também evidente no enunciado das formas e na designação dos materiais. Mas o que desde já faz de Annabela Rifa uma aguarelista de projecto não é apenas a sua ideia, nem só a irradiação "performativa" da sua pintura; seguramente que é também a pesquisa, a decifração enigmática, a propositura de uma ideia de criação através da pintura. O carácter transcritivo, por um lado, e o universo da sua representação fictiva, pelo outro.

João de Melo

